

# Presidente passa o dia elogiando ACM

Maurício Corrêa e Fernando Dantas  
de Brasília

Até a próxima crise, o mundo político brasileiro está em céu de brigadeiro e mar de almirante, segundo disseram, ontem, o presidente Fernando Henrique Cardoso e o presidente do Senado Federal, Antônio Carlos Magalhães. Só na parte da manhã, no Palácio do Planalto, o presidente se deixou fotografar duas vezes ao lado do senador Antônio Carlos, ambos muito sorridentes. Em pelo menos duas solenidades, em frente a jornalistas, o presidente fez elogios à atuação do senador na presidência do Congresso Nacional.

“Não vejo nada no horizonte além do céu azul. A intervenção do presidente da República acabou com a crise, desarmando os espíritos e abrindo uma nova fase na política”, disse ACM. Na sua opinião, agora “todos estão satisfeitos, pois o presidente Fernando Henrique recompôs o quadro partidário”. O senador, contudo, está convencido de que as recentes divergências que tiveram o ministro Sérgio Motta no epicentro dos descontentamentos das lideranças partidárias não chegaram a fraturar a base de apoio ao governo. “A aliança nunca chegou a ser ameaçada”, assinalou.

O ministro da Justiça, Íris Rezende, disse ontem, no Palácio do Planalto, que a atuação do presidente Fernando Henrique Cardoso, depois da entrevista do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, “foi suficiente para acalmar” os aliados do governo criticados por Motta. Sobre a obediência do ministro das Comunicações à determinação de que não faça mais críticas públicas a outros membros do governo, Íris Rezende concluiu: “tenho que acreditar na palavra do presidente”.

Ele não poupou elogios a Fernando Henrique, um presidente

que na sua opinião “tem competência, escrutínio e coragem cívica”. Na segunda-feira, Íris recebeu um telefonema do presidente, que fez comentários sobre a entrevista.

Segundo Rezende, seu partido, o PMDB, “vem de longe, calejado e acostumado aos embates”, tendo suficiente “prudência e espírito público necessários para enfrentar as dificuldades”. Ele considerou “infeliz” a crítica de Motta ao que seria a pouca ajuda do PMDB na aprovação de emendas constitucionais. “Demos 75 votos na última votação (do Fundo de Estabilização

**Antônio Carlos Magalhães devolveu elogios a FHC, que teria “desarmado os espíritos”**

Fiscal), mesmo com a pressão de todos os prefeitos, já que nós somos o partido que mais tem prefeituras no Brasil”, argumentou.

A crise gerada pelas declarações de Motta foi comentada ontem pelo presidente do grupo Gerda, Jorge Gerda Johannpeter – que esteve ontem no Palácio do Planalto como um dos patrocinadores do Prêmio Jovem Cientista. Com sua pragmática visão de empresário, ele comentou que “na política, os estremecimentos são normais. Quem está de fora do mundo político pode ficar preocupado com as discussões,

mas os políticos têm um modo distinto de ver as coisas”, avaliou.

“O fundamental é que o País prossiga no caminho da recuperação, inclusive com a cooperação do Congresso, que tem feito um trabalho muito bom. Essa briga dos últimos dias foi mais ou menos como uma briga de casal. Quem está de fora não pode opinar, pois, assim que acabam as discussões, tudo volta ao normal”, argumentou Gerda.

Para ele, a prioridade no campo econômico, agora, deve ser a reforma tributária, que “exige uma negociação global e muito difícil. Mas nem por isso podemos desanimar, pois as mudanças tributárias constituem o centro das reformas que o País precisa. Estamos na corrida contra o tempo”, acrescentou.